

FRATURAS

Marcela Castro

ME DISSERAM QUE AQUELE DIA seria o ponto final para um outro tempo. Não sei se sou muito de acreditar em toda gente. Talvez até em alguma, por prudência. Mas ainda não sabia se teria chegado a hora de um esvaziamento de um passado tão presente, em que pudesse olhar o céu além da divisão retangular que separava o meu eu de tantos outros. Até aquele dia dito do fim para um novo começo – que eu ainda não sabia se seria mesmo, ou o que seria –, descobri que nos dias de bem antes sabia pouco, muito pouco sobre verdades prudentes da vida. E, talvez agora, a ideia de não falar com estranhos passava a se alongar e o cuidado também passaria a ser com não estranhos. Assim, me perguntava: teria eu coragem para este outro mundo? Teria eu aprendido que as boas maneiras de um largo abraço, um beijo, um aperto de mão, não seriam as boas maneiras para atravessar o vão que passou a me separar mais seguramente do mundo?

Éramos poucos em casa quando da decisão do dever, ou do poder, ficarmos isolados. Para nós, toda sorte: comida, leitura e um pouco de riso nos intervalos que esquecíamos que estávamos a correr algum risco. Entretanto, no decorrer dos dias, observei que parecíamos que tínhamos começado a conferir vontades para o que não sabíamos do depois. Cheguei a pensar que talvez teríamos todos que voltar ao ventre, à espera de, ao nascer, aprender a vida outra vez: seria como poder tocar o sonho novamente, sorrir para noite, marcar a hora acertada para o começo da vida e depois um café, um chá, com qualquer um passante que quisesse sentar-se. Aprendi pensando no antes o que talvez nunca soubéssemos, mas a espera destes outros que não conhecíamos fazia parte do preenchimento de nossa vida. Agora, refletindo do lado de cá da larga porta retangular que me protegia do mundo, o sonho parecia uma interdição. Voltei. Fechei-me com chave. Queria guardar a expectativa num relicário. Deveria ser amorosamente belo o encontro com o mundo. Batia em meu peito um prêmio: o de poder viver outra vez.

Lavei as mãos... não, não mais seria preciso que fosse assim, mas eu, que não tenho qualquer fé, continuava a me guardar desse modo. Foram certezas construídas ao longo da vida em suspenso, e eu, que ainda buscava alguma regularidade no tempo, insistia, pois aprendi a proteção. Talvez meus hábitos se parecessem já com os do amor: amo porque todos os atributos conscientes deste ato foram-se-me internalizando. Racionalizei sobre o antes, mas o depois ainda me parecia distante.

Com o retângulo trancado, vi-me outra vez de costas pro mundo e, depois que a coragem já não era mais presença, abri o mundo por outro retângulo que mais me guardava. Pela minha janela avistava um pé de maracujá, uma espada de São Jorge, alguns bichos que rastejavam, um gato que cansado de nós começou a permanecer mais fora do que dentro. Estava já entardecendo e os papagaios anunciavam a grandeza do céu que cobria aqui e acolá. Não morri. Mas outros não olhavam mais o que eu via. Nós é que os olhamos, sem ter o que fazer, quando o pior passou a ser a impossibilidade de acalantar quem ficou.

No entanto, de toda lembrança, já diziam cedo que era chegada hora de sair. Mas... eu não teria como chegar triunfante neste mundo de dor e sem dó. Seria vergonha exhibir o privilégio da vida. Andaria de cabeça baixa, mesmo que meus medos dissessem algo sobre minha total liberdade. Não... neste mundo em que se nascem Marias com tanta fé e que com fome e por trabalho morrem, não há porque sair hoje. Sim, terei que me preparar mais: justificar minha sobrevivida, porque me sobra decência para reconhecer que tenho mais.

Fôssemos menos desiguais – logo vejo a diferença pelo retângulo da casa do meu vizinho, um tanto bem menor que o meu - não teriam passado tantos caixotes de gente dali. Pois é verdade, vi muitos. Saíam para trabalhar no durante, porque tratavam-se de filhos de Marias e logo foram-se escasseando. Quando voltavam, saíam desse modo, a sós. Deitaram-se à morte, pela necessidade de sobrevivência.

Mas, agora, dizem-me outra vez: é depois. Confesso que, com a pouca fé que tenho, mantenho aquela espada de São Jorge a me proteger. E não sei bem o que fazer de mim, dos meus e dos outros. Hoje não saio.

Amanhã peço desculpas ao mundo.

Marcela Castro

Pedagoga; Técnica em Assuntos Educacionais da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) - Brasil. Mestre em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da UFRJ; Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da UFRJ.

E-mail: marcelamoraesdecastro@gmail.com.